

Lição 22 - Tato. Um Sentido ou Muitos? Seu Meio

TEXTO 422b17-423a22 - LIVRO II, CAPÍTULO XI

TATO. UM SENTIDO OU MUITOS? SEU MEIO

O mesmo raciocínio vale para o tangível e o tato. Se o tato não é um sentido, mas vários, então os objetos sensíveis tangíveis devem necessariamente ser vários. Mas é um problema saber se é um sentido ou vários: e qual é o órgão — se é a carne, ou o que corresponde à carne em outros [animais], ou não; e se não, então esta [carne] seria o meio, enquanto o órgão sensorial primário seria algo mais interno. §§ 517-18

Pois todo sentido parece ser de uma única contrariedade, como a visão do branco e do preto, a audição do agudo e do grave, o paladar do doce e do amargo. Mas na ordem tangível há várias contrariedades: quente e frio, seco e úmido, duro e macio, e coisas semelhantes. § 519

Eis uma solução parcial deste problema: que também nos outros sentidos há vários contrários; como na voz não há apenas agudo e grave, mas também forte e fraco, suave e áspero, e outras qualidades semelhantes. Há também uma variedade semelhante de diferenças na cor. § 520

Mas não está claro qual é a unidade subjacente do tato, assim como o som é a da audição. §§ 521-4

Não é evidência quanto a saber se o órgão sensorial é interior ou é a carne, imediatamente, que a sensação surja simultaneamente ao contato. Pois se, como as coisas são, alguém estendesse uma cobertura ou membrana sobre a pele, uma sensação ainda surgiria imediatamente ao fazer contato; contudo, é óbvio que o órgão sensorial não estava nesta membrana. E se ela fosse incorporada, a sensação chegaria ao sensorium ainda mais rapidamente. §§ 525-6

Portanto, parece que a relação desta parte do corpo [com o todo] é comparável àquela que o ar teria se formasse uma cobertura natural que crescesse ao redor de nossos corpos. Pois então pareceria que percebemos som, odor e cor através de um único meio comum, e até que haveria apenas um sentido para ouvir, ver e cheirar. Como, de fato, porém, existe algo definido através do qual os movimentos [destes sentidos] são produzidos, é evidente que cada um destes sentidos é diverso. Mas no caso do tato, isso ainda está longe de ser claro. É impossível que um corpo animado seja constituído de ar ou água, pois ele deve ser sólido. Ele só pode, então, ser uma mistura de terra e dos outros elementos, como a carne (ou sua contraparte) exige. Por isso, é necessário que o meio do tato seja um corpo unido [ao organismo] através do qual suas sensações,

que são várias, possam ocorrer. §§ 527-8

Que elas são várias prova-se pelo fato de haver tato na língua; pois esse mesmo membro sente todos os tipos de objetos tangíveis, assim como os sabores. Se toda parte da carne percebesse sabores, pareceria que o tato e o paladar fossem um só e o mesmo. Mas sabemos que são dois, na medida em que

um órgão não pode ser substituído pelo outro. § 529

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO VINTE E DOIS

§ 517. Tendo considerado os objetos dos outros sentidos, o Filósofo trata finalmente do objeto do tato, examinando este sentido por último porque parece ser o menos espiritual dos sentidos, embora seja o fundamento de todos os outros. Esta seção divide-se em duas partes: primeiro, ele resolve certas questões sobre o tato; depois, expõe a verdade sobre ele, em "Pareceria então, de modo geral". A primeira parte divide-se novamente em, primeiro, uma exposição e, em segundo lugar, uma solução, em "Pois todo sentido", dos problemas em questão.

Ele observa então, primeiramente, que nas matérias a serem examinadas, o mesmo raciocínio vale, quer tratemos do tangível ou do tato. O que se diz de um vale para o outro; e se o tato não é um único sentido, mas vários, então o tangível deve ser, não um único tipo de objeto sensível, mas vários. Ele diz isso porque, embora sua intenção geral seja definir primeiro o objeto sensível e, depois, o próprio sentido, no caso do tato ele irá primeiramente investigar o sentido; e isso porque as questões que ele quer responder são tratadas mais convenientemente dessa maneira do que tratando primeiro do objeto tangível. Assim, ele prefacia suas observações com uma espécie de explicação, afirmando que não importa se falamos do tangível ou do tato.

§ 518. Das duas questões sobre o tato e o tangível, a primeira é se existem vários sentidos de tato ou apenas um; e a segunda é qual é o lugar ou órgão da sensação no tato? Isto é, se a carne é o órgão do tato nos animais que têm carne (que são aqueles que têm sangue) e, naqueles que não têm sangue, algo análogo à carne; ou, ao contrário, se a carne, ou o que corresponde à carne, é meramente o meio do sentido do tato, enquanto seu órgão primário é algo interno, próximo ao coração? A segunda opinião é a sustentada no *De Sensu et Sensato*.

§ 519. Em seguida, em "Pois todo sentido parece", ele começa a responder a estas questões. Com relação à primeira, ele faz três coisas: (a) apresenta um argumento para a visão de que existem vários sentidos de tato; (b) apresenta uma solução para o problema em "Eis uma solução parcial"; e (c) critica esta solução em "Mas não é". O argumento preliminar é o seguinte: cada sentido único parece incidir sobre um único par de contrários, como a visão sobre o branco e o preto, a audição sobre o agudo e o grave, o paladar sobre o doce e o amargo; mas incluídos no objeto do tato estão vários pares desses, quente e frio, úmido e seco, duro e mole, e outros do mesmo tipo, além de pesado e leve, agudo e rombudo e assim por diante. Portanto, o tato não é um único sentido, mas vários.

§ 520. Então, em "Eis etc.", ele apresenta o que poderia parecer uma solução, dizendo que se poderia responder que mesmo nos outros sentidos parecem existir várias contrariedades; por exemplo, na audição; pois na voz pode-se observar não apenas a contrariedade de agudo e grave, mas também a de forte e fraco, áspero e suave, e coisas semelhantes. Da mesma forma, a cor apresenta várias diferenças além da contrariedade de preto e branco, como uma cor ser intensa, outra opaca, uma bela, outra feia. No entanto, esses fatos não significam que a visão ou a audição não sejam um sentido único; nem, então, as muitas contrariedades do tangível implicam que o tato não seja um sentido único.

§ 521. Então, em "Mas não está claro", ele descarta esta solução, dizendo que todas as contrariedades encontradas no audível têm um único sujeito, o som; e o mesmo ocorre com a cor no visível. Mas nenhum sujeito comum pode ser encontrado para todas as contrariedades ligadas ao tato; portanto, não parece haver um único gênero de tangível e um único sentido de tato.

§ 522. Para entender esta passagem, devemos considerar que há uma proporção envolvida na distinção entre potências e objetos: se um único sentido é uma única potência, o objeto correspondente deve ser um único gênero. Ora, é mostrado na *Metafísica*, Livro X, que cada gênero inclui uma contrariedade primária. Portanto, deve haver uma contrariedade primária no objeto de qualquer sentido único; e é por isso que o Filósofo diz aqui que um sentido é de uma contrariedade.

§ 523. No entanto, é possível que um único gênero inclua várias contrariedades além da primária, seja por um processo de subdivisão — como no gênero corpo, a primeira contrariedade é entre animado e inanimado; e como os corpos animados se dividem em sensitivos e insensitivos, e os sensitivos novamente em racionais e irracionais, as contrariedades se multiplicam no gênero corpo — ou acidentalmente, como, tomando novamente o gênero corpo, encontramos a contrariedade de branco e preto, para não mencionar todas as outras qualidades acidentais corpóreas. É assim, portanto, que devemos entender, quanto ao som e à voz, que, além da contrariedade primária de agudo e grave, que é essencial, existem outras contrariedades acidentais.

§ 524. Ora, no gênero das coisas tangíveis, existem várias contrariedades primárias essenciais, que podem, de um modo, ser reduzidas a um único sujeito, mas de outro modo não; pois, de um modo, o sujeito da contrariedade pode ser encontrado no gênero, que está relacionado às várias diferenças contrárias como potência ao ato. De outro modo, o sujeito dos contrários pode ser encontrado na substância, que é ela mesma o sujeito do gênero no qual os contrários estão incluídos — como quando chamamos de corpo colorido o sujeito do preto ou branco. Falando, então, do sujeito que é o gênero, é evidente que não existe um mesmo sujeito de todas as qualidades tangíveis. Mas falando do sujeito que é a substância, existe um sujeito de todas elas, ou seja, o corpo que pertence à substância de um dado animal. E, portanto, Aristóteles dirá que as qualidades tangíveis pertencem ao corpo precisamente como corpo, i.e., são as qualidades pelas quais os elementos do corpo são distinguidos uns dos outros. Pois o sentido do tato discrimina entre os fatores que se combinam para constituir o corpo animal. Portanto, formalmente falando e no abstrato, o sentido do tato não é um sentido único, mas vários; mas é uno substancialmente.

§ 525. Em seguida, em "Não é evidência", ele trata da segunda questão; e isso em duas etapas. Primeiro, ele afirma a resposta verdadeira; em segundo lugar, chega a uma conclusão que lança

alguma luz sobre a questão anterior, em "Portanto, parece". Note-se, então, em primeiro lugar, que poderia parecer que a carne era o órgão da sensação no tato, porque sentimos as coisas tangíveis no instante do contato.

§ 526. Mas, deixando de lado este argumento, ele observa que, para decidir se o órgão do tato é interior ou não (no último caso, a carne seria o órgão imediato do tato), não parece prova suficiente que, assim que a carne é tocada, ocorre uma sensação tátil, i.e., sente-se; porque, se alguém estendesse uma pele ou uma tênue membrana sobre a carne, o tangível seria sentido imediatamente ao contato com ela; no entanto, obviamente o órgão do tato não estaria na membrana de cobertura. E, novamente, se esta membrana pudesse tornar-se parte da natureza de alguém, sentir-se-ia ainda mais rapidamente através dela. Portanto, embora ao toque da carne natural o tangível seja sentido imediatamente, não se segue que a carne seja o órgão do tato, mas apenas que é um meio natural para ele.

§ 527. Em seguida, em "Portanto, parece", ele chega a uma conclusão que lança luz sobre a primeira questão, dizendo que, sendo a carne um meio adaptado ao sentido do tato, pareceria que esta parte do corpo tem o mesmo tipo de relação com a sensação que o ar ao nosso redor teria se fosse uma parte natural de nós. Pois, embora este ar seja apenas o meio da visão, olfato e audição, pareceria nesse caso ser o órgão desses sentidos; e assim nos pareceria que vemos, cheiramos e ouvimos por um único órgão e com um único sentido. Mas, de fato, justamente porque, como meio para tais sensações, é "definido", i.e., distinto de nós mesmos, vemos claramente que não é um órgão. Além disso, existem obviamente órgãos diversos para os três sentidos mencionados e, portanto, uma clara distinção de três sentidos. Mas não é tão claro no caso do tato; pois aqui o meio é uma parte natural de nós.

§ 528. E ele dá uma razão para esta diferença. O ar e a água, os meios dos outros sentidos, não poderiam ser uma parte natural de nós, pois um corpo vivo não pode ser constituído de ar puro ou água pura. Essas substâncias, sendo aquosas e fluidas, não são sólidas ou definidas por si mesmas; precisam ser terminadas por outras coisas, enquanto um corpo vivo deve ser sólido e autossuficiente. Portanto, este último precisa ser composto de terra, ar e água, conforme necessário, i.e., como a carne requer nos animais que têm carne, e correspondentemente para aqueles que não a têm. Assim, o corpo que serve como meio no tato, i.e., a carne, é capaz de ser naturalmente unido ou conjugado ao tato de tal modo a transmitir as múltiplas sensações do tato.

§ 529. Então, em "Que são vários", ele afirma outro fato em apoio a isso. Pela língua também, diz ele, obtemos várias sensações táteis; pois por ela sentimos todos os objetos do tato que são sentidos em outras partes do corpo, e sentimos, além disso, o sabor ou o gosto que não é percebido em outras partes do corpo. Se as outras partes da carne percebessem sabores, não distinguiríamos entre paladar e tato, assim como de fato não distinguimos entre o tato que discerne o quente e o frio e aquele que discerne o úmido e o seco. Mas é bastante claro que o tato e o paladar são dois sentidos, porque não são mutuamente transferíveis: o paladar não ocorre em toda parte onde o tato pode ocorrer. E a razão pela qual o paladar não é encontrado onde quer que haja tato é que os sabores não são qualidades daqueles elementos que constituem os corpos dos animais; portanto, não são, como as qualidades tangíveis, da própria substância de um animal.